

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

ESTUDOS SOCIAIS - REFERENCIAIS TEÓRICOS E INTERDISCIPLINARIDADE

Nestor André Kaercher

Boletim Gaúcho de Geografia, 22: 27 - 33, março, 1997.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38361/25640>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - março, 1997

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

ESTUDOS SOCIAIS – REFERENCIAIS TEÓRICOS E INTERDISCIPLINARIDADE

Nestor André Kaercher *

“Na escola, Sofia tinha dificuldade de se concentrar no que o professor falava. De uma hora para outra, começou a achar que ele só falava de coisas que não eram importantes. Por que ele não falava sobre o que é um ser humano, ou então sobre o que é o mundo ou de onde ele tinha surgido? Ela sentia uma coisa que nunca tinha sentido antes: na escola, e também por toda a parte, as pessoas só se preocupavam com trivialidades. Mas havia questões maiores, mais graves, cujas respostas eram mais importantes do que as matérias normais da escola. Alguém teria respostas para elas? De qualquer forma, Sofia achava mais importante refletir sobre elas do que quebrar a cabeça decorando verbos irregulares”.
(GAARDER J., 1994, p.22)

“Trazer fatos sem uma teoria que cole os pedaços da realidade, sem uma análise crítica é como o Saci querer dançar tango. Não dá!”
(SEFFNER, 1995)

O título deste texto¹ remete à minha participação na mesa-redonda “Estudos Sociais – Referenciais teóricos e interdisciplinaridade”. O título é tão pomposo que dá um certo medo pois, quando os títulos são genéricos como este, o público ouvinte tem uma expectativa bastante grande, querendo ouvir novidades – o que é normal, necessário até –, ou quiçá até umas dicas que possam tornar a sala de aula mais atraente, dinâmica, etc. Então, para começo de conversa, é importante dizer que não se tem a pretensão nem o objetivo de dar receitas de “boas aulas”, até porque não saberia fazê-lo. Aliás, compartilho com todos vocês a angústia de querer ser – e nem sempre conseguir – um bom profissional. Estamos na mesma canoa (a educação) e o mar tem sido e está agitado. Aliás, uma das poucas certezas que eu tenho é de que este mar (a educação) continuará muito agitado. Quem quer paz, certamente, não escolheria, não escolherá ser professor. Já não bastasse a agitação – quando não o desinteresse do alunado – enfrentamos o crônico problema dos baixos salários e das difíceis condições de trabalho. Poderíamos falar de outros graves empecilhos ao desenvolvimento de nosso trabalho, como por exemplo, o autoritarismo de muitas direções de Escola, sejam elas da rede

pública ou privada. Mas não é esse o objetivo do trabalho: chorar nossas dificuldades. Até porque, para isso não é necessário fazer palestras, nossas salas de recreio são verdadeiros muros das lamentações. E não acho nada produtivo essa choradeira, ainda que a compreenda. Nosso desafio é buscar soluções para estes problemas. E, para isso, nos propomos a refletir conjuntamente. Portanto, é na condição de colega, professor de primeiro e segundo graus² que escrevo, na intenção de *propor desafios*.

Aliás, uma primeira reflexão acerca do belo "folder" impresso por ocasião da divulgação do Encontro que abrigava a mesa-redonda: junto à palavra educação temos outras três que, com ela, se entrelaçam – *reflexão, conflitos e desafios*. Foi uma escolha feliz. São três palavras muito ricas para a reflexão e que deveriam nos acompanhar na nossa prática profissional e na busca de uma escola mais útil para as classes populares, menos alienante e mais democrática.

Reflexão, conflitos e desafios são a essência do fazer pedagógico e nossa posição diante destes três eixos vai nos orientar para a uma prática mais ou menos democrática. Sem o compromisso de refletir sobre nossa própria prática, não creio seja possível crescer em competência técnica e política. Estudar é fundamental. E não só estudar nossa disciplina especificamente, no sentido de "preparar boas aulas". Isso é nossa obrigação (e não tem sido fácil fazê-lo diante das dificuldades materiais e do desestímulo a que estamos submetidos). Falo em estudar num sentido mais amplo: ler e refletir seriamente sobre as questões chaves da educação; ler, discutir e debater, inclusive nas aulas, com os alunos, sobre assuntos que extrapolam as limitantes fronteiras de nossa disciplina.

E, aí, já entra a interdisciplinaridade. Mais importante que juntarmos professores de diferentes áreas, mais ou menos comuns, para fazer um trabalho "integrado" – de duvidosa utilidade e efetividade – é termos esta postura em sala de aula, permanentemente.

Como, por exemplo, poderíamos dar aulas de Geografia – minha disciplina – sem falarmos de política, economia, história, biologia, entre tantas outras. Ou seja, ter uma postura interdisciplinar é muito mais importante que, num acesso de boa vontade e, uma ou duas vezes por ano, se propor a trabalhar com outros professores, de maneira um tanto artificial e superficial. Não estou dizendo que essas experiências sejam desnecessárias ou inúteis. Estou dizendo que devemos estar abertos, estudar permanentemente, inclusive outras disciplinas. Não porque seja uma imposição de alguma direção ou por modismo "trabalhar interdisciplinarmente", mas porque isso reflete nossa postura de vida: sede pelo saber.

É claro que não podemos idealizar e esquecer das dificuldades concretas a que estamos submetidos pela sobrecarga de trabalho, mas, devemos ter como princípio o estudo constante. Estar aberto ao novo, percebendo *que o conhecimento nunca está acabado, é um processo em permanente recriação*.

Em tempo: o estudar não pode ser uma atitude meramente passiva do tipo "ouvir palestras". Elas têm sua importância porque nos incitam a repensar, mas elas não operam mudanças. As mudanças só são efetivas se vierem de dentro,

tiverem raízes dentro de nossas preocupações. Não pode ser uma mudança imposta de cima para baixo por um “especialista”. Isto também serve para questionarmos nossa prática pedagógica: será que não estamos muito apegados aquela *postura tradicional* – e que eu acho tão pouco efetiva – *onde só o professor sabe e, portanto, só ele fala*. Dar aula vira um monólogo, onde falo para mim mesmo. Encho os alunos com o meu saber. Será que ainda não estamos apegados àquela visão que crê que o bom aluno é o aluno calado, apático, a copiar nossas lições de modo acrítico?

A segunda palavra chave do encontro é “*conflito*”. Ele é tão inerente a nossa profissão, quanto indesejado. Não me refiro aos conflitos de poder, às brigas entre colegas, aos arranca-rabos com alunos, aos “pitos” das chefias. Isto são relações de poder, também inerente à escola e não raro mostram quão medíocres e tacanhos somos. A escola, é sem dúvida, um palco de briga constante! Muitas vezes estas brigas pouco têm a ver com educação e, no geral, quase nos levam ao infarto. Por isso falei que nossas salas de recreio são ambientes carregados. O professor está sempre a falar – mal, por sinal – de sua profissão. Pudera, os dissabores são tantos...

Refiro-me, entretanto, ao *conflito saudável*, o *conflito necessário*: o de idéias. Creio que o professor deva, sobretudo, propor dúvidas aos alunos. Não apenas “dar conteúdos” mas, a partir dos conteúdos dados, propor questões que extrapolem o texto ou aula base. Forçar o alunado a pensar o novo, a dizer a sua idéia e não apenas a repetir o que já foi dito pelo professor ou pelo livro. Propor que o aluno escreva, fale e não apenas ouça. Certo, temos dificuldades para efetivar isto: sobrecarga de alunos é, talvez, a maior delas. Mas, é preciso tentar, ainda que isso vá trazer uma série de conflitos-brigas pois os alunos não gostam de expor suas idéias, seja oralmente, seja por escrito. Pudera, temos alunos tradicionais, passivos, filhos de professores tradicionais. E escola, via de regra, é um local onde mais os adestramos do que os incentivamos a criar o novo, sair da mesmice. Quem achar essa proposta “nova”, basta nos referirmos a Sócrates nesta passagem do livro “O mundo de Sofia” (op. cit., p.80 e seguintes):

O ponto central de toda a atuação de Sócrates como filósofo estava no fato de que ele não queria propriamente ensinar as pessoas. Para tanto, em suas conversas, Sócrates dava a impressão de ele próprio querer aprender com seu interlocutor. Ao “ensinar”, ele não assumia a posição de um professor tradicional. Ao contrário, ele dialogava, discutia. (...) Geralmente, no começo de uma conversa, Sócrates só fazia perguntas, como se não soubesse de nada. Durante a conversa, freqüentemente conseguia levar seu interlocutor a ver os pontos fracos de suas próprias reflexões. Uma vez pressionado contra a parede, o interlocutor acabava reconhecendo o que estava certo e o que estava errado.

Dizem que a mãe de Sócrates era parteira, e o próprio Sócrates

costumava comparar a atividade que exercia com a de uma parteira. Não é a parteira quem dá à luz o bebê. Ela só fica por perto para ajudar durante o parto. Sócrates achava, portanto, que sua tarefa era ajudar as pessoas a “parir” uma opinião própria, mais acertada, pois o verdadeiro conhecimento tem de vir de dentro e não pode ser obtido “espremendo-se” os outros. Só o conhecimento que vem de dentro é capaz de revelar o verdadeiro discernimento. (...)

E justamente porque fingia que não sabia de nada, Sócrates forçava as pessoas a usar a razão. Sócrates era capaz de se fingir ignorante, ou de mostrar-se mais tolo do que realmente era. Chamamos isso de ironia Socrática.

Sócrates viveu entre 470-399 a. C. e seu método se mantém absolutamente atual, revolucionário até. Diante da pasmaceira geral, questionar, na tentativa de rompermos, superarmos com o senso comum é quase uma ofensa aos nossos sonolentos alunos e colegas. Não é à toa que Sócrates foi condenado à morte por “corromper a juventude”. A sua máxima “Mais inteligente é aquele que sabe que não sabe” é de uma humildade e sapiência notáveis que muito nos poderia ilustrar. Estamos sendo humildes o suficiente a ponto de, sincera e comumente, ouvirmos nossos alunos? Aprendermos com eles? Questionarmos nossas práticas a partir de seus questionamentos? Quantas vezes, a revolta ou má vontade do aluno é captada como insatisfação com o nosso trabalho e não como mera manifestação de indisciplina?

Por que falo de Sócrates? Porque ele teve um grande mérito: trazer a filosofia para a terra, para as reflexões comuns aos homens, à medida que, até então, se discutiam assuntos muito distantes do homem comum. Então, a “grande diferença entre um professor e um verdadeiro filósofo é que o professor pensa que sabe um monte de coisas e tenta enfiar essas coisas na cabeça de seus alunos. Um filósofo, ao contrário, tenta ir ao fundo das coisas dialogando com seus alunos”. Dialogar, eis uma bela palavra. Ela é prenhe de conflitos, acirra contradições, expõe nossas fragilidades. E é aí que entra a terceira palavra do folder: Desafios.

Quais são os nossos desafios enquanto educadores?

Para respondermos a essa questão teremos que ter clara a nossa linha de atuação profissional. Que queremos com nossas aulas? Apenas ensinarmos Geografia, História, Matemática, Português, etc. Creio que esta visão fragmentada de conhecimento ou aquela meramente conteudista – do tipo “o importante é vencer o programa”³ – é muito limitante. Não ajuda a produzir elementos críticos e capazes de criar o novo. *E é o novo que precisamos*. Alguém aqui crê que o Brasil, o Rio Grande atual, é o Brasil, o Rio Grande que queremos? Creio que não. E aí, penso eu, é a hora de resgatarmos a utopia de nossos projetos, não só educacionais como de filosofia de vida. E nessa busca utópica e apaixonada temos a possibilidade – diria a necessidade – da busca do conhecimento interdisciplinar.

Que contribuição pode dar a Geografia na busca de uma sociedade menos autoritária e mais plural?

Gaarder, na citação inicial, nos dá uma pista: propor questões de reflexão que não se restrinjam ao conteúdo puro e simples do que muitas vezes reproduzimos acriticamente como sendo Geografia. Há os que ainda crêem que os conteúdos se sobrepõem aos objetivos e, o que é tão ou mais nefasto, crêem que o conteúdo a ser dado é aquele que o livro didático “cristalizou”: Geografia Geral na quinta série, Brasil na sexta, América na sétima, etc.

Deixando o autor norueguês um pouco de lado trago – afinal, alguns poderiam dizer que estou muito “filosófico” – a contribuição de uma jovem que, com certeza não é geógrafa, mas traz-nos reflexões de caráter geográfico, e o que é muito mais importante, questões de cunho político e social. Suas palavras, creio eu, são trilhas importantes para a Geografia. Diz ela em “Graffitis”:

*O meu amor pelas misérias
me leva,
me trouxe
roça o que interessa
e fez de mim
alguém que eu sou hoje.
(Adriana Calcanhoto, do CD Senhas, 1992)*

“Amor pelas misérias” não no sentido de gostar da pobreza, do feio, do maltrapilho, como até chegou a ser usual entre alguns grupos ou pessoas “alternativas”. Mas, sim, no sentido de ter identificação e compromisso em combater a miséria – material ou de espírito –, identificar-se com os excluídos. Ou seja, falo de um projeto político que tem uma intencionalidade, que não é apenas moral, mas de ação concreta. E desemboca, sem dúvida, numa ação política. Dentro e fora da escola.

A miséria é um fenômeno sociológico, econômico e espacial, sem dúvida. A favela, a criança de rua, o rio poluído, as queimadas são elementos da paisagem. Precisamos falar deles em nossas aulas mas não só no intuito de descrevê-los! Ver suas causas para que possamos construir com nossos alunos ALTERNATIVAS a esse projeto de sociedade que aí está!

Está mais do que na hora de superarmos o senso comum tão arraigado entre nós de que “os políticos são todos iguais”, os “políticos são todos ladrões” ou “todos quando chegam ao poder só querem roubar”. Aliás, essa expressão normalmente tem um componente geográfico-topológico: “quando eles (quem?) estão ‘lá em cima’ só querem roubar...” Por trás desse aparente consenso está uma visão muito simplificada de mundo.

Esse discurso, despolitizado – mas altamente político – deve ser combatido por nós professores, porque ele só produz desânimo, conformismo e rancor! É um discurso que leva a um prática reacionária: a apatia! Julgando-se “acima” dos corruptos, superior em inteligência, o aluno “desliga-se” da participação e do compromisso.

so de buscar, pensar alternativas de poder. Dizem que as avestruzes, diante do perigo, escondem a cabeça na terra.... Não estamos fomentando este tipo de atitude ao não combatermos este raciocínio (política = político = eleição = corrupção = sem solução = tudo igual) tão profundo quanto uma poça d'água?

Não basta latir para a roda do carro, é preciso ver quem dirige o mesmo! Quem, afinal rouba? Para quem rouba? Quem se beneficia e quem se prejudica com esses roubos e com essa "leitura" ingênua de mundo? Suponho que as classes trabalhadoras⁴ não sejam as beneficiadas por estes roubos. Tampouco os grupos majoritariamente discriminados em nossa sociedades: mulheres, negros, minorias sexuais, sem-terra, desempregados, etc.

Enfim, ou buscamos uma alternativa de poder, um outro projeto de sociedade, uma "nova" maneira de gerir não só o dinheiro público mas, sobretudo, *novas formas de relações com as pessoas, com o poder e com o conhecimento!* Ou vamos continuar elegendo propostas que até são as da maioria – afinal foram eleitos – mas, com certeza não são *para a maioria*. Nesse sentido, apesar de estar muito "fora de moda" continuo achando muito válidas (com as devidas releituras e atualizações, é claro) as noções de classe social, conflito de classes, Estado sendo controlado (majoritariamente) por uma minoria detentora dos meios de produção, etc. Assumo, portanto, minha formação baseada nas categorias do materialismo histórico que dizem que os conflitos de classe ainda são muito importantes para entendermos a sociedade brasileira.

Sem propostas alternativas, sem um projeto novo de sociedade, de poder, de escola faremos apenas o discurso genérico (choroso) da crise: "a educação está em crise", "a saúde está em crise", "a família está em crise" ou faremos a linha do saudosismo tipo "antigamente era melhor". É pra frente que se olha!

Pergunto: crise para quem? Para as classes privilegiadas não há a mesma crise que para as classes trabalhadoras. Aliás, para as classes dominantes a escola e a saúde públicas atuais não estão em crise. Estão servindo aos seus propósitos: atender (mal, é verdade) aos pobres.

Assim, novamente Adriana Calcanhoto me aponta um norte em "Esquadros" (Cd citado):

*Eu ando pelo mundo divertindo (ensinando) gente
chorando ao telefone
e vendo doer a fome dos meninos que tem fome (parêntese meu)*

O papel da Geografia não pode ser só o da denúncia, óbvio! Mas ela deve ser feita para que não corramos o risco de passarmos aos nossos alunos um mundo sem conflitos, irreal, estático que não corresponde à realidade, embora, é provável, até fosse a vontade da maioria de nós que vivêssemos num mundo pacífico e ordeiro.

O papel das disciplinas escolares não pode ser o de fornecer, simplesmente, um conteúdo que "no futuro" será (será mesmo?) útil aos alunos. Tampouco a escola deve, a meu ver, passar uma visão conformista do mundo onde só caberia aos alunos

a luta (individual) por um “lugar ao sol”. Creio que podemos semear a sede por um mundo menos desigual e injusto. E isso gera angústias aos nossos alunos. Falar de pobreza e conflito não é agradável, com certeza. Mas é absolutamente necessário. A escola para os alunos não é o futuro, é o presente. Não dá para enrolarmos nossos alunos com a desculpa de que no futuro tal assunto por nós ministrado ser-lhe-á útil. “Propaganda enganosa dá cana”, segundo o CONAR! Não podemos tratá-los como se fossem recipientes vazios a serem preenchidos com nossos valores e “verdades”. Não estamos dando aula de catequese nem tampouco somos pastores de ovelhas.

Finalizando, provocativamente:

*Eu gosto dos que têm fome (de conhecer),
dos que morrem de vontade (de saber)
dos que secam de desejo
dos que ardem...*

(Calcanhoto, in Senhas, 1992) (parênteses meus)

Propor desafios, propor perguntas dá muito mais trabalho e não agrada aos alunos. Mas, é uma trilha a seguir. Não temos certeza da vitória nem tampouco que a nossa proposta seja a melhor. O mundo apresenta-nos uma série de possibilidades. Cabe a nós optarmos por sermos cada vez mais sujeitos de nossa história atuando ativamente na busca de uma sociedade mais plural, democrática e que dê mais dignidade de vida aos que, com seus suor, constroem as riquezas deste país.

Alguém se atreve a vir comigo além desses “shoppings centers”?

¹ Este texto foi apresentado em Guaporé/RS no dia 25 de agosto de 1995, no Encontro Regional de Educação promovido pelo CPERS/Sindicato. É dedicado aos professores da Escola Municipal São Pedro (Lomba do Pinheiro).

² Na época desta comunicação, trabalhava como professor de Geografia de 6ª a 8ª série na Rede Municipal de Porto Alegre e como professor de segundo grau na Fundação Liberato (Novo Hamburgo).

³ Sabemos que o programa pode ser feito pelos professores. Não há lei que nos obrigue a uma determinada sequência. Devemos ter claro que essa padronização não é salutar e foi-nos imposta pela indústria do livro didático. O professor pode sair dessa amarra. O livro é fonte de consulta e não guia ou mentor intelectual.

⁴ Aliás, essa é outra dificuldade que o professorado tem: assumir-se enquanto classe trabalhadora, (mal) assalariada. Mantemos uma visão que nos coloca “acima” dos demais trabalhadores porque temos um capital cultural formal superior. Creio que essa visão é geradora de mitos e preconceitos.

GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia*. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

SEFFNER, F. Participação na mesa-redonda “Estudos Sociais – Referenciais teóricos e interdisciplinaridade”. Encontro Regional de Educação. Guaporé/RS, 1995.

* Professor na Faculdade de Educação da UFRGS, Setor de Educação de Jovens e Adultos. Mestre em Educação pela UFRGS.